

“ENTOANDO A MARSELHESA DO MATRIMÔNIO”: A REPRESENTAÇÃO FEMININA NO CONTO “CAPÍTULO DOS CHAPÉUS”, DE MACHADO DE ASSIS

Greicy Pinto Bellin
Centro Universitário Campos de Andrade – Uniandrade

Resumo: O objetivo do presente artigo é analisar a representação da figura feminina no conto “Capítulo dos chapéus”, de Machado de Assis, relacionando-a ao contexto cultural da época, caracterizado pelo expressivo afrancesamento arquitetônico e literário do Rio de Janeiro às vésperas da Abolição da escravatura e Proclamação da República, tendo em vista o ano de publicação do conto no periódico *A Estação*. O veículo de publicação da narrativa será também considerado nesta análise, no sentido de evidenciar o entrelaçamento entre a representação da figura feminina e as demandas colocadas pelo público leitor do periódico, no qual Machado de Assis colaborava de maneira assídua.

Palavras-chave: representação, figura feminina, periódicos.

“INTONING THE MARSEILLAISE OF THE MATRIMONY”: THE FEMALE REPRESENTATION IN “A CHAPTER OF HATS”, BY MACHADO DE ASSIS

Abstract: This article aims to analyze the representation of the female figure in the short-story “A Chapter of Hats”, by Machado de Assis, establishing a relationship between the narrative and the cultural context of Machado’s time, characterized by the expressive French architectural and literary component of Rio de Janeiro on the eve of slavery Abolition and Proclamation of the Republic, considering they ear of the publication of the narrative in the periodical *A Estação*. The narrative’s vehicle of publication will be also considered in this analysis, in order to show the relationships between the representation of the female figure and the demands put by the readers of the periodical in which Machado de Assis collaborated in a regular way.

Keywords: representation, female figure, periodicals.

Afirmar que Machado de Assis foi observador arguto da cena sociocultural brasileira é quase um lugar-comum, dada a expressiva quantidade

de análises dentro de tal viés. O vínculo de Machado com o contexto social de sua época tem sido fartamente analisado nas últimas décadas por estudiosos como Roberto Schwarz, John Gledson, Sidney Chalhoub e Nicolau Sevcenko, em um claro esforço de superação da ideia de que a obra machadiana seria pouco nacional e pouco atenta à conjuntura social de uma época. Tal conjuntura aparece representada no conto “Capítulo dos chapéus”, tendo em vista sua publicação em 1884, alguns anos antes da Abolição da escravatura e da Proclamação da República, acontecimentos que marcaram a cena brasileira oitocentista. O objetivo deste artigo é analisar a representação feminina no referido conto, relacionando-a não apenas a um contexto de mudanças históricas e socioculturais como também à sua publicação no periódico *A Estação*, direcionado especificamente para mulheres e no qual Machado colaborava de forma assídua.

A colaboração de Machado nos periódicos fluminenses se observa desde o início da carreira do escritor, marcada pela publicação de contos no *Jornal das Famílias*, dirigido pelo editor francês Jean Baptiste Louis Garnier. Este periódico apresentava um perfil conservador, considerando seu direcionamento às mulheres da alta burguesia carioca, bem como o pagamento de assinaturas pelos pais e maridos destas mesmas mulheres, o que fazia com que os escritores não pudessem ser muito ousados em suas narrativas. Machado, no entanto, adotou uma postura peculiar em relação ao conservadorismo do periódico, ora reforçando, ora subvertendo sutilmente os valores imbuídos nas narrativas, que traziam, em sua imensa maioria, representações de perfis femininos. No conto “O relógio de ouro”, por exemplo, observa-se a representação da mulher relacionada à temática do adultério, que se tornaria uma verdadeira obsessão na obra machadiana. A narrativa inteira se desenvolve no sentido de mostrar que Clara, protótipo da esposa submissa, estava traindo o marido, quando, na realidade, o que se observa é exatamente o contrário. A versão original publicada no *Jornal das Famílias*¹ traz como desfecho a descoberta da traição de Luiz Negreiros e não de Clara, além da revelação de que o relógio de ouro era um presente de Zeferina, amante de Luiz. O conservadorismo do periódico, por sua vez, é

¹ Esta versão apresenta divergências em relação à versão que circula nas edições mais recentes do conto, com exceção da edição de *Miss Dollar: stories by Machado de Assis*, antologia bilíngue publicada em 2016 que traz a tradução do conto para a língua inglesa.

reforçado pela informação de que Clara perdoou o marido, ao passo que a ousadia se verifica na hipótese de traição feminina, algo considerado muito grave para a época e que deveria ser reprimido, intenção esta que se verifica na cena em que Luiz Negreiros aponta o revólver para o peito da esposa². Todas estas narrativas apresentam em comum são os perfis de mulher, o que mostra a importância dada por Machado de Assis à representação feminina, que se tornará ainda mais frequente nos romances de sua fase madura.

O perfil conservador na representação feminina nos contos publicados no *Jornal das Famílias* daria lugar, alguns anos mais tarde, a representações de uma figura feminina sintonizada com a modernização do Rio de Janeiro de fins do século XIX. O surgimento do periódico *A Estação* é sintomático das preocupações observadas neste período, pois corresponde a um momento de modernização da própria imprensa carioca, que se deve, entre outros fatores, à ampliação da malha ferroviária e à inauguração, em 1874, do sistema telegráfico do Rio. *A Estação* era basicamente um jornal sobre moda, tradução alemã da revista *Die Mondelwelt*, que se baseava, por sua vez, nos editoriais de moda parisiense, evidenciando que Paris continuava a ser a principal orientadora das tendências de moda e comportamento no Brasil. Havia, contudo, o problema, apontado por Roberto Schwarz em seu artigo “As ideias fora do lugar”, de se transplantar costumes e modas europeias para um contexto não-hegemônico como o Brasil, o que é reconhecido pelos próprios editores de *A Estação*:

Antigamente a moda mudava apenas duas vezes por ano. Em Paris, em outubro apareciam as pelúcias, os vestidos escuros, as fazendas de lã, os chapéus de veludo, e ao aproximar-se a Semana Santa, ideavam-se novos toucados, visto como quem queria trajar no rigor da moda tinha forçosamente que morrer de calor em janeiro e constipar-se em junho.³

O despropósito de se imitar a moda parisiense em um local onde impera o calor no final do ano estaria ultrapassado, o que se confirma no excerto a seguir, que traz a adaptação como solução para este dilema:

² Tal cena foi retirada das edições mais recentes, assim como o nome da amante de Luiz Negreiros.

³ A ESTAÇÃO, apud CRESTANI, 2008, p. 329.

Ainda encontrarão as nossas leitoras nas nossas páginas pesados mantos no verão e *toilettes* leves no inverno, porém junto a isso, que não podemos mais eliminar sob pena de não mais produzir a moda parisiense, encontrarão também todas as explicações que lhe indicarão os meios de tirar alguma vantagem desses objetos, conformando-se com as exigências de nosso clima.⁴

O afrancesamento se observava, sobremaneira, na rua do Ouvidor, onde estavam localizadas a maioria das lojas procuradas pelas senhoras, o que irá aparecer em “Capítulo dos chapéus”, ao lado de frequentes referências à cultura francesa que influenciam a percepção de Mariana em relação ao matrimônio, bem como o comportamento emancipado de Sofia, comparada a Napoleão Bonaparte. Tais associações nos mostram que Machado estava atento à importação francesa na cultura brasileira, ainda mais se considerarmos que a intersecção entre figura feminina, moda e modernidade está presente na poesia de Baudelaire, um dos poetas franceses mais lidos no Brasil no século XIX. O trecho a seguir de “O pintor da vida moderna” não deixa dúvidas em relação a esta associação:

Que poeta ousaria, na pintura do prazer causado pela aparição de uma beldade, separar a mulher de sua indumentária? Que homem, no teatro, na rua, no bosque, não fruiu, da maneira mais desinteressada possível, de um vestuário inteligentemente composto e não conservou dele uma imagem inseparável da beleza daquela a quem pertencia, fazendo assim de ambos, da mulher do traje, um todo indivisível?⁵

Soma-se a isso o afrouxamento da ideologia patriarcal, a partir do qual as mulheres outrora encerradas no espaço doméstico começam a sair para passear na rua do Ouvidor, fosse para admirar a moda francesa, fosse para olhar a multidão e até mesmo, flertar com os homens que por ela passavam, comportamento que pode ser observado na descrição da personagem Sofia. As modificações no comportamento feminino encontravam respaldo em mudanças da própria sociedade brasileira, que atinge o ápice da modernização com a Abolição e a Proclamação da República, fatos históricos para os quais Machado estava bastante atento, conforme se observa em suas crônicas da série intitulada “Bons dias!” e no romance *Esaú e Jacó* com a troca da placa da confeitaria de

⁴ A ESTAÇÃO, apud CRESTANI, 2008, p. 329.

⁵ BAUDELAIRE, 2006, p. 874.

Custódio, que de “Confeitaria do Império” passa a se chamar “Confeitaria da República”. A simples substituição de uma palavra por outra nos dá pistas acerca da postura crítica de Machado em relação a uma mudança que se operou apenas no nome, não tendo conduzido a qualquer alteração real na política, na economia e/ou na cultura brasileiras. O mesmo se observa em relação à Abolição, que pouco teria alterado a condição dos escravos. A famosa crônica do dia 19 de maio de 1888, que trata da alforria do escravo Pancrácio alguns dias antes da abolição propriamente dita, nos fornece pistas bem concretas de tal conjuntura:

Pancrácio aceitou tudo; aceitou até um peteleco que lhe dei no dia seguinte, por me não escovar bem as botas; efeitos da liberdade. Mas eu expliquei-lhe que o peteleco, sendo um impulso natural, não podia anular o direito civil adquirido por um título que lhe dei. Ele continuava livre, eu de mau humor; eram dois estados naturais, quase divinos.

Tudo compreendeu o meu bom Pancrácio; daí para cá, tenho-lhe despedido alguns pontapés, um ou outro puxão de orelhas, e chamo-lhe besta, quando lhe não chamo filho do diabo; coisas todas que ele recebe humildemente, e (Deus me perdoe!) creio que até alegre.⁶

O excerto descreve a situação de Pancrácio após a Abolição, mostrando que o negro passa a se submeter a outro tipo de escravidão, a do sistema capitalista. Assim sendo, podemos concluir que Machado possuía uma postura crítica não em relação à abolição em si, mas em relação à forma como foi feita, tendo em vista que não ofereceu aos negros as condições para uma real libertação. Talvez o mesmo possa ser dito acerca da emancipação feminina, o que não quer dizer que Machado estivesse sustentando um pensamento patriarcal, mas apenas refletindo sobre tal emancipação em um contexto onde, talvez, as mulheres não estariam completamente preparadas para sustentá-la ou, o que é mais interessante, não viam grandes vantagens nela porque ela não corroborava sua forma de se comportar em sociedade. As atitudes da personagem Mariana nos dão margem para fazer esta leitura, conforme observaremos a seguir.

De início, dois aspectos devem ser levados em consideração na análise de “Capítulo dos chapéus”. O primeiro é a menção à localização temporal

⁶ ASSIS, 2008, p. 53.

da história, que se passa no ano de 1879, em que o imperador D. Pedro I aprovou um decreto no dia 19 de abril, conhecido como reforma Leôncio de Carvalho, concedendo às mulheres o direito de ingressar no ensino superior. É interessante observar que a narrativa se inicia exatamente no mês de abril do referido ano:

Musa, canta o despeito de Mariana, esposa do bacharel Conrado Seabra, naquela manhã de abril de 1879. Qual a causa de tamanho alvoroço? Um simples chapéu, leve, não deselegante, um chapéu baixo. Conrado, advogado, com escritório na rua da Quitanda, trazia-o todos os dias à cidade, ia com ele às audiências; só não o levava às recepções, teatro Lírico, enterros e visitas de cerimônia. No mais era constante, isto desde cinco ou seis anos, que tantos eram os do casamento.⁷

A localização temporal do conto nos permite interpretá-lo como uma resposta machadiana à problemática inserção feminina na universidade brasileira, resposta que se estrutura na base da ironia, considerando que Mariana, inserida em um contexto com ideias emancipatórias, é descrita como “a esposa do bacharel Conrado Seabra”, o que define sua identidade como esposa e não como um ser autônomo. Outro dado relevante é a epígrafe da narrativa, de autoria de Molière, muito admirado por Machado e amplamente citado em várias de suas crônicas: “Dans quel chapitre, s’il vous plait? / - Dans le chapitre des chapeaux.”⁸ Trata-se do trecho de um diálogo entre Gêronte e Sganarelle, em que o segundo ludibria o primeiro usando um chapéu de médico sem realmente exercer esta profissão. De forma semelhante, Mariana exige que Conrado use um chapéu que não é adequado à sua pessoa e ambições, ainda que seu pai tente argumentar em sentido contrário:

Acontecera-lhe, porém, naquele dia, vê-lo de relance na rua, de palestra com outros chapéus altos de homens públicos, e nunca lhe pareceu tão torpe. De noite, encontrando a filha sozinha, abriu-lhe o coração; pintou-lhe o chapéu baixo mo a abominação das abominações, e instou com ela para que o fizesse desterrar.⁹

O pai de Mariana, descrito como “bom velho, magro, pausado, ex-funcionário público, ralado de saudades do tempo em que os empregados iam de casaca

⁷ ASSIS, 2008, p. 377.

⁸ ASSIS, 2008, p. 377.

⁹ ASSIS, 2008, p. 378.

para as suas repartições”, representa o conservadorismo da sociedade imperial, ao passo que a aceitação de sua opinião por parte de Mariana representa a submissão da filha às vontades do pai. Tal submissão é reforçada pela seguinte descrição da personagem:

(...) era, de ordinário, uma criatura passiva, meiga, de uma plasticidade de encomenda, capaz de usar com a mesma divina indiferença tanto um diadema régio como uma touca. A prova é que, tendo tido uma vida de andarilha nos últimos dois anos de solteira, tão depressa casou como se afez aos hábitos quietos. Saía, às vezes, e a maior parte delas por instâncias do próprio consorte; mas só estava comodamente em casa (...) Os hábitos mentais seguiam a mesma uniformidade. Mariana dispunha de mui poucas noções, e nunca lera senão os mesmos livros: - *A moreninha* de Macedo, sete vezes; *Ivanhoe* e *O pirata* de Walter Scott, dez vezes; o *Mot de l'énigme*, de Madame Craven, onze vezes.¹⁰

A referência aos “hábitos mentais” de Mariana é particularmente interessante se levarmos em consideração que as suas leituras são absolutamente convencionais e correspondem ao gosto do público leitor feminino da época, tendo em vista que tanto Walter Scott quanto Joaquim Manuel de Macedo eram escritores românticos de obras aparentemente inofensivas à moral e aos bons costumes. *Mot de l'énigme* é de autoria de uma escritora inglesa que, de acordo com John Gledson (2006), exprime, em sua obra, uma ideologia totalmente oposta à do feminismo moderno e, portanto, condizente com a situação vivida por Mariana. A repetitividade e monotonia dos hábitos de leitura da personagem sugerem uma mulher pouco preparada para adentrar o ensino superior, o que é reforçado pela postura sarcástica de Conrado em relação à esposa, humilhada e ironizada pelo discurso da metafísica do chapéu:

A escolha do chapéu não é uma ação indiferente, como você pode supor; é regida por um princípio metafísico. Não cuide que quem compra um chapéu exerce uma ação voluntária e livre; a verdade é que obedece a um determinismo obscuro. A ilusão da liberdade existe arraigada nos compradores, e é mantida pelos chapeleiros que, ao verem um freguês ensaiar trinta ou quarenta chapéus, e sair sem comprar nenhum, imaginam que ele está procurando livremente uma combinação elegante. O princípio metafísico é

¹⁰ ASSIS, 2008, p. 377.

este: — o chapéu é a integração do homem, um prolongamento da cabeça, um complemento decretado ab æterno; ninguém o pode trocar sem mutilação. E uma questão profunda que ainda não ocorreu a ninguém. Os sábios têm estudado tudo desde o astro até o verme, ou, para exemplificar bibliograficamente, desde Laplace... Você nunca leu Laplace? desde Laplace e a Mecânica celeste até Darwin e o seu curioso livro das Minhocas, e, entretanto, não se lembraram ainda de parar diante do chapéu e estudá-lo por todos os lados. Ninguém advertiu que há uma metafísica do chapéu. Talvez eu escreva uma memória a este respeito. São nove horas e três quartos; não tenho tempo de dizer mais nada; mas você reflita consigo, e verá... Quem sabe? pode ser até que nem mesmo o chapéu seja complemento do homem, mas o homem do chapéu...¹¹

John Gledson (2006) afirma que Conrado provavelmente não leu as obras às quais está se referindo devido ao fato de que “O livro das minhocas” não havia sido publicado até 1881, e a narrativa transcorre em 1879. Aprofundando a sua interpretação, Gledson afirma que não se trata de um “cochilo” de Machado, e sim de um “comentário dissimulado sobre as (não) leituras de Conrado.”¹² Esta leitura permite desconstruir a ideia de que Mariana possui um intelecto limitado, uma vez que, ela, pelo menos, leu várias vezes a mesma obra, ao passo que Conrado não leu Darwin e Laplace. De qualquer forma, o discurso de Conrado, destinado a humilhar sua esposa ou não, reforça a ideia de uma grande dependência do homem em relação ao chapéu, que pode servir como metáfora da dependência do homem em relação à mulher, considerando que ele usa o mesmo chapéu desde que se casou com Mariana. O sarcasmo do marido deixa Mariana irritada e com aspirações libertárias que materializam seu desejo de vingança, juntamente com um sentimento de culpa por ter sido tão submissa ao longo dos anos:

Chamava-se tola, moleirona; se tivesse feito como tantas outras, a Clara e a Sofia, por exemplo, que tratavam os maridos como eles deviam ser tratados, não lhe aconteceria nem metade, nem uma sombra do que lhe aconteceu. De reflexão em reflexão, chegou à ideia de sair. Vestiu-se, e foi à casa da Sofia, uma antiga companheira de colégio, com o fim de espaiar-se, não de lhe contar nada.¹³

¹¹ ASSIS, 2008, p. 378.

¹² GLEDSON, 2006, p. 128.

¹³ ASSIS, 2008, p. 379.

A comparação com outras mulheres mostra que um novo pensamento e um novo perfil de mulher começam a aparecer na cena brasileira oitocentista. Não é a intenção desta análise argumentar a favor da existência de um Machado de Assis feminista, a depender da acepção de feminismo que se está adotando, mas sim apontar para a atenção dada pelo escritor a este novo perfil de mulher, conforme se observa na seguinte descrição de Sofia:

Sofia tinha trinta anos, dois mais do que Mariana. Era alta, forte, muito senhora de si. Recebeu a amiga com as festas do costume; e, posto que esta não lhe dissesse nada, adivinhou que trazia um desgosto e grande. Adeus, planos de Mariana! Daí a vinte minutos contava-lhe tudo. Sofia riu dela, sacudiu os ombros; disse-lhe que a culpa não era do marido.

- Bem sei, é minha – concordava Mariana.

- Não seja tola, iaiá! Você tem sido muito mole com ele. Mas seja forte uma vez; não faça caso; não lhe fale tão cedo; e se ele vier fazer as pazes, diga-lhe que mude primeiro de chapéu.¹⁴

Ao contrário de Mariana, Sofia parece saber lidar muito bem com o autoritarismo do marido, o que deixa a protagonista ainda mais revoltada e disposta a reverter a situação de submissão em que se encontra. Sofia propõe que saiam passear na rua do Ouvidor, o que Mariana aceita prontamente: “Mariana aceitou; um certo demônio soprava nela as fúrias da vingança. Demais, a amiga tinha o dom de fascinar, virtude de Bonaparte, e não lhe deu tempo de refletir. Pois sim, iria, estava cansada de viver cativa.”¹⁵ A comparação entre Sofia e Bonaparte é muito significativa para a construção do perfil da personagem, tendo em vista sua reputação enquanto líder militar que estendeu seu domínio por quase toda a Europa, da mesma forma que Sofia começa a ter domínio sobre Mariana. Apesar de todas as suas conquistas, Bonaparte acabou derrotado na batalha de Waterloo e aprisionado pelos britânicos; da mesma maneira, Mariana começará a questionar o domínio da amiga ao se incomodar com a futilidade da rua do Ouvidor, o que aponta para a obtenção de uma real autonomia para si, e não de uma autonomia construída a partir das percepções da outra mulher.

A referência a Bonaparte remete ao imaginário francês que ronda a narrativa desde a epígrafe de Molière, que poderia ser interpretada, para usar as

¹⁴ ASSIS, 2008, p. 379.

¹⁵ ASSIS, 2008, p. 380.

palavras de João Cezar de Castro Rocha (2013) como anacronismo deliberado da parte de Machado, que retoma uma referência do século XVI a fim de construir em enredo que se passa no século XIX. Este imaginário é reforçado por uma referência aos ingleses, que, segundo dados levantados por John Gledson (2006) estiveram no Brasil no ano de 1879 para a construção das estradas de ferro:

De uma das vezes que foi à janela, viu passar um rapaz a cavalo. Não era inglês, mas lembrou-lhe a outra, que o marido levou para a roça, desconfiado de um inglês, e sentiu crescer-lhe o ódio contra a raça masculina – com exceção, talvez, dos rapazes a cavalo.¹⁶

Percebe-se que o dado europeu aparece relacionado à modernização do Brasil, o que mostra o caráter de simulacro da própria modernização brasileira, baseada tanto no capital inglês que mobilizou a construção das ferrovias quanto nas ideias de liberdade, igualdade e fraternidade que emanavam de Paris. O ódio contra a raça masculina é também significativo, pois reforça a revolta de Mariana a ponto de fazê-la cantar, “dentro do coração, a marselhesa do matrimônio.”¹⁷ A marselhesa nada mais é do que o hino da Revolução Francesa, o que confirma, mais uma vez, a presença do dado francês e sua influência no modo de agir das pessoas a ponto de fazê-las repensar suas próprias posturas, ainda que tal processo não seja de todo consciente, pelo menos não da parte de Mariana.

Todo o fascínio sentido pela protagonista começa a se desfazer quando ela chega à rua do Ouvidor. Ao passo que Sofia é “prática naqueles mares” e “transpunha, rasgava ou contornava as gentes com muita perícia e tranquilidade”, Mariana passa a se sentir extremamente incomodada com o rebuliço da rua mais movimentada da cidade:

Mariana sentiu-se um pouco atordoada, como sempre lhe acontecia. A uniformidade e a placidez, que eram o fundo do seu caráter e da sua vida, receberam naquela agitação os repelões de costume. Ela mal podia andar por entre os grupos, menos ainda sabia onde fixasse os olhos, tal era a confusão das gentes, tal era a variedade das lojas. Conchegava-se à amiga, e, sem reparar

¹⁶ ASSIS, 2008, p. 380.

¹⁷ ASSIS, 2008, p. 381.

que tinham passado a casa do dentista, ia ansiosa lá entrar. Era um repouso; era alguma coisa melhor do que o tumulto.¹⁸

O passeio de Sofia e Mariana na rua do Ouvidor apresenta muito da *flânerie* baudelairiana, com a diferença de que, desta vez, o *flâneur* é uma mulher. O *flâneur* é uma das figuras mais emblemáticas nos estudos sobre a modernidade, e que também aparece no famoso “O homem das multidões”, de Edgar Allan Poe. A principal característica de tal figura é a análise da multidão, o que aparece no trecho a seguir:

Da janela podia gozar a rua, sem atropelo. Recostou-se; Sofia veio ter com ela. Alguns chapéus masculinos, parados, começaram a fitá-las; outros, passando, faziam a mesma coisa. Mariana aborreceu-se da insistência; mas, notando que fitavam principalmente a amiga, dissolveu-se-lhe o tédio numa espécie de inveja.¹⁹

Insinua-se uma disputa entre as amigas, juntamente com o tédio de Mariana em relação à vida citadina do Rio de Janeiro, sensação que aumenta consideravelmente quando ambas as personagens encontram Viçoso, o primeiro namorado de Mariana. O rapaz, que se tornou deputado provincial, aparece usando justamente o chapéu que Mariana (ou melhor, seu pai) queria que Conrado usasse. No entanto, o fascínio em relação à peça, que simboliza o status e a ambição masculinas, é totalmente desconstruído na narrativa a partir da percepção de que Viçoso é tão fútil quanto Sofia e todas as pessoas que perambulam pela rua do Ouvidor, o símbolo máximo de uma modernidade calcada no simulacro francês. Mariana pensa em “tirar uma desforra”, mas sua percepção da futilidade é tão intensa que ela acaba por voltar atrás em sua resolução:

Mariana ouvia-os sem interesse; duas ou três vezes chegou a levantar-se e ir à janela; mas os chapéus eram tantos e tão curiosos, que ela voltava a sentar-se. Interiormente, disse alguns nomes feios à amiga; não os ponho aqui por não serem

¹⁸ ASSIS, 2008, p. 381.

¹⁹ ASSIS, 2008, p. 381.

necessários, e, aliás, seria de mau gosto desvendar o que esta moça pôde pensar da outra durante alguns minutos de irritação.²⁰

A irritação da protagonista se torna ainda maior quando Sofia resolve acompanhar Viçoso até a Câmara dos Deputados. Torna-se evidente, neste momento da narrativa, a relação de poder estabelecida entre as duas amigas, sendo que Sofia é descrita como “gavião” e Mariana, como uma “pomba”, o que remete à sua pureza, inocência e fragilidade. O despeito da esposa de Conrado arrefece completamente, e o que ela mais anseia é voltar para casa: “E outra vez recordava a casa, tão quieta, com todas as coisas nos seus lugares, metódicas, respeitadas umas com as outras, fazendo-se tudo sem atropelo, e, principalmente, sem mudança imprevista.”²¹ Este parece ser o cerne da personalidade de Mariana, que se contrapõe ao que Sofia (e ela mesma, em um primeiro momento) acreditam ser fundamental para uma efetiva libertação feminina em relação ao casamento. Sobre este aspecto, a frase proferida por Mariana dentro da Câmara dos Deputados é muito significativa, uma vez que se trata de um ambiente masculino e pouco (ou nada) propício à penetração feminina. Ao passo que Sofia se mostra deslumbrada com o ministro da Justiça, Mariana questiona sua própria presença no ambiente na seguinte passagem: “Que tenho eu com a Câmara? Que me importam os discursos que não entendo?”²²

Para além de uma interpretação que possa ver em “Capítulo dos chapéus” um posicionamento contrário em relação à inserção feminina na Câmara (e porque não dizer, no ensino superior brasileiro), o conto de Machado parece querer nos mostrar que a percepção de inadequação parte da própria mulher, que não está propriamente insegura em relação à sua inserção no ambiente onde se encontra, e sim questionando a adequação dele à sua própria personalidade, pouco afeita a grandes discursos e a uma sofisticada intelectualidade. O fato de ter lido repetidas vezes os mesmos livros nos dá pistas bem claras disso, o que para uma configuração identitária que recusa o simulacro francês de libertação feminina com vistas a buscar uma autonomia que não fosse

²⁰ ASSIS, 2008, p. 383.

²¹ ASSIS, 2008, p. 383-384.

²² ASSIS, 2008, p. 384.

baseada na marselhesa do matrimônio ou na rebelião de Eva “que embocava nela os seus clarins”²³

Nesse sentido, Luiz Roncari, em sua análise de “Capítulo dos Chapéus” (2005), aponta para o simbolismo do nome de Mariana, bem como para o imaginário de construção francesa segundo o qual a mulher simbolizaria a liberdade da Revolução, o que pode ser comprovado pelo quadro de Delacroix, *A liberdade guiando o povo*. A ideia de libertação é desconstruída pela própria Mariana, que se liberta da amiga, ironicamente percebida no início da narrativa como um grande exemplo de emancipação feminina, e vai direto para a sua casa, onde as coisas estão todas em ordem e de acordo com sua personalidade:

Mariana sentou-se primeiro em diferentes lugares, olhando bem para todas as coisas, tão quietas e ordenadas. Depois de uma manhã inteira de perturbação e variedade, a monotonia trazia-lhe um grande bem, e nunca lhe pareceu tão deliciosa. Na verdade, fizera mal... quis recapitular os sucessos e não pôde; a alma espreguiçava-se toda naquela uniformidade caseira. Quando muito, pensou na figura do Viçoso, que achava agora ridícula, e era injustiça. Despiu-se lentamente, com amor, indo certa a cada objeto. Uma vez despida, pensou outra vez na briga com o marido. Achou que, bem pesadas as coisas, a principal culpa era dela. Que diabo de teima por causa de um chapéu, que o marido usara há tantos anos? Também o pai era exigente demais...²⁴

Este trecho nos mostra que “Capítulo dos chapéus” não pode ser interpretado como uma narrativa que encena o retorno da mulher ao lar por conta de pressões de uma sociedade patriarcal, pelo contrário: a decisão, ainda que baseada em valores conservadores, é da própria Mariana, o que evidencia sua autonomia. A constatação de que a figura de Viçoso é ridícula é importante sob este aspecto, pois também desconstrói a ideia de que o chapéu de Conrado não seria adequado à pessoa e às ambições do advogado. Observa-se ainda a emancipação em relação à opinião do pai, que Mariana passa a considerar “exigente demais”, até porque ela agora conhece a futilidade do ambiente onde seu pai circulou para fazer a exigência da troca de chapéu. O contraponto entre a realidade brasileira e o dado europeu aparece quando Mariana vê o marido voltando ao lar com um chapéu novo, o que faz com que seu espírito receba “um

²³ ASSIS, 2008, p. 379.

²⁴ ASSIS, 2008, p. 385.

choque violento, igual ao que lhe dera o vaso do jardim trocado – ou ao que lhe daria uma lauda de Voltaire entre as folhas da *Moreninha* ou de *Ivanhoe*... Era a nota desigual no meio da harmoniosa sonata da vida.”²⁵ Vale lembrar que os romances de Scott e Macedo estão entre as leituras preferidas de Mariana, ao passo que Voltaire, um dos principais defensores das liberdades civis, parece ser um desconhecido para a protagonista. Torna-se, mais uma vez, clara a associação entre a ideia de emancipação feminina e simulacro francês, algo que é rejeitado por Mariana pelo fato de não corresponder ao seu modo de vida. Tal rejeição é reforçada pelo novo pedido da esposa de Conrado: “- Então, passou? – perguntou ele, enfim, cingindo-lhe a cintura. - Escuta uma coisa – respondeu ela com uma carícia divina – bota fora esse; antes o outro.”²⁶

A reconciliação matrimonial é paralela ao pedido categórico para trocar novamente de chapéu, que desta vez parte da própria Mariana, e não de seu pai ou de Sofia. Desta forma, o conto de Machado mostra que talvez as mulheres não estivessem completamente preparadas para adentrar o ensino superior, apesar de D. Pedro I ter aprovado o decreto segundo o qual tal inserção seria possível. Isso não significa, entretanto, que a narrativa seja conservadora ou contrária a esta inserção, mas que encena uma reflexão a respeito dos entraves para uma emancipação feminina nos moldes europeus, que pouca ou nenhuma relação possuíam com a realidade brasileira da época. Pode-se perceber ainda uma possível crítica em relação aos ideais republicanos e abolicionistas que circulavam no contexto brasileiro de 1884, os quais desembocariam em fatos históricos que alteraram muito pouco a conjuntura social da época, visão esta que Machado sintetiza magistralmente em suas crônicas, conforme analisado no início deste artigo.

Com base em tudo o que foi exposto, podemos nos perguntar se a rejeição categórica de Mariana ao simulacro francês associado à emancipação feminina não consistiria em uma alfinetada machadiana, dada nas páginas dos periódicos da época, nos intelectuais e escritores seus contemporâneos no sentido de conclamar para a busca por uma identidade literária própria às vésperas da virada do século XIX para o XX, momento mais do que decisivo para

²⁵ ASSIS, 2008, p. 385.

²⁶ ASSIS, 2008, p. 386.

a configuração de tal identidade. Cabe a pesquisas futuras desenvolver tal hipótese com maior profundidade, a fim de identificar e analisar a extensão das preocupações de Machado de Assis em relação à problemática da identidade literária brasileira na cultura literária oitocentista.

Referências

- ASSIS, Machado de. *Obra completa*. vol. 2. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2008.
- ASSIS, Machado de. *Bons Dias!* Organização e notas de John Gledson. Campinas: Editora da UNICAMP, 2008.
- BAUDELAIRE, Charles. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2006.
- BELLIN, Greicy Pinto; SCHMIDT, Ana Lessa; CHENEY, Glenn. *Miss Dollar*. Stories by Machado de Assis. Hanover: New London Librarium, 2016.
- CRESTANI, Jaison. “O perfil editorial da revista *A Estação*: jornal ilustrado para a família”. *Revista Anpoll*: v. 1, n. 25, p. 324-356, 2008. Disponível em: <https://revistadaanpoll.emnuvens.com.br/revista/article/view/67>
- GLEDSON, John. *Por um novo Machado de Assis – ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- SCHWARZ, Roberto. “As ideias fora do lugar”. In: SCHWARZ, Roberto. *Que horas são? – ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. p. 29-48.
- ROCHA, João Cezar de Castro. *Machado de Assis: por uma poética da emulação*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.
- RONCARI, Luiz. “O aprendizado do escritor e o esclarecimento de Mariana”. *Revista Brasileira de História*. V. 25, n. 50, São Paulo, 2005. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882005000200010
- SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

Currículo abreviado da autora

Possui graduação em Letras Português Inglês pela Universidade Federal do Paraná (2006). Atuou como professora de língua inglesa no Centro de Línguas da UFPR, como professora temporária de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira na Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), ministrando aulas para

o ensino médio e superior, e como professora do magistério público municipal na Prefeitura de Curitiba, tendo ministrado aulas para as séries finais do ensino fundamental. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em literatura brasileira, portuguesa e norte americana do século XIX, com especial foco nas obras de Machado de Assis, Edgar Allan Poe e Camilo Castelo Branco, além dos estudos feministas e de gênero, temas aos quais toda a sua produção acadêmica se encontra vinculada. É mestre (2010) e doutora em Estudos Literários pela UFPR (2015), com pesquisa sobre as relações de confluência entre Machado, Poe e Baudelaire. Esteve recentemente vinculada ao Programa Nacional de Apoio à Tradução, financiado pela Fundação Biblioteca Nacional, tendo publicado, pela editora norte-americana New London Librarium, a coletânea *Miss Dollar: early stories by Machado de Assis* em junho de 2016, com prefácio de Ana Cláudia Suriani da Silva, especialista renomada em estudos machadianos. Concluiu seu estágio pós-doutoral em Letras na UFPR em dezembro de 2016, com uma pesquisa sobre o uso da paródia nas obras de Machado de Assis e Camilo Castelo Branco. É professora titular do Mestrado em Teoria Literária da UNIANDRADE e do curso de graduação em Letras na mesma instituição. É pesquisadora colaboradora do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, onde desenvolve uma pesquisa a respeito da presença literária norte-americana na obra de Machado de Assis, um dos temas do livro que está escrevendo e que será publicado no ano de 2018, juntamente com a tradução das crônicas de Machado para o inglês, em projeto recentemente financiado pela Fundação Biblioteca Nacional.

Recebido em 30/10/2017.

Aprovado em 11/12/2017.